

Excesso, sociedade e sofrimento: novos ideais de conduta sob a ótica da teoria sociológica e da psicanálise

Ricardo Luiz Cruz¹

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Resumo: O objetivo deste artigo é olhar para os novos ideais de conduta em vigor atualmente, sob o ponto de vista de um conjunto de textos do campo da sociologia e da psicanálise. Essa literatura nos ajuda a entender as atuais conexões entre, de um lado, o exercício do trabalho e a procura da satisfação, e, de outro, os modos como nos relacionamos e costumamos sofrer nos dias de hoje. Mas ela também nos auxilia na compreensão das resistências a uma ideologia do excesso que coloca num segundo plano a construção de relações com base no respeito, confiança, amor, dignidade e solidariedade.

Palavras-chave: novo capitalismo; excesso; sofrimento.

¹ Graduado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (2002), mestre (2005) e doutor (2010) em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional. É professor na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) desde 2016.

Excess, society and suffering: new ideals of conduct from the perspective of sociological theory and psychoanalysis

Abstract: The objective of this article is to look at the new ideals of conduct currently in force, from the point of view of a set of texts from the field of sociology and psychoanalysis. This literature helps us understand the current connections between, on the one hand, the exercise of work and the search for satisfaction, and, on the other, the ways in which we relate to each other and tend to suffer nowadays. But it also helps us understand resistance to an ideology of excess that puts the construction of relationships based on respect, trust, love, dignity and solidarity in the background.

Keywords: new capitalism; excess; suffering.

Exceso, sociedad y sufrimiento: Nuevos ideales de conducta desde la perspectiva de la teoría sociológica y el psicoanálisis

Resumen: El objetivo de este artículo es mirar los nuevos ideales de conducta actualmente vigentes, desde el punto de vista de un conjunto de textos del campo de la sociología y el psicoanálisis. Esta literatura nos ayuda a comprender las conexiones actuales entre, por un lado, el ejercicio del trabajo y la búsqueda de satisfacción y, por otro, las formas en que nos relacionamos y tendemos a sufrir hoy en día. Pero también nos ayuda a comprender la resistencia a una ideología del exceso que deja en un segundo plano la construcción de relaciones basadas en el respeto, la confianza, el amor, la dignidad y la solidaridad.

Palabras clave: nuevo capitalismo; exceso; sufrimiento.

Em nossas democracias ultraliberais, a função tirânica é democraticamente repartida, pois cada um age em função de uma interiorização individual da lei do mercado, procedendo de um descrédito de toda instância terceira entre os indivíduos, na busca desenfreada de satisfações pulsionais que a economia global trata imediatamente de lhe fornecer.
(Dany-Robert Dufour)

Quando algo é percebido como excessivo? Num primeiro momento, é possível dizer que algo é percebido como excessivo quando ultrapassa um limite pré-estabelecido. Esse limite pode ser definido como o normal, o esperado ou o razoável, por exemplo. Porém, e nos casos em que o excesso é almejado? Não estaríamos diante de uma forma de relação com a norma, na qual ela não deixa de existir, mas que, antes do que ser respeitada, observada ou cumprida, o que se deseja é a sua transgressão, tendo em vista obter um gozo com o atravessamento de seus limites?

Vendo o que acontece em nossas festas, celebrações, finais de semana, feriados ou outros contextos institucionalizados de lazer, encontramos situações nas quais a procura pela satisfação costuma transgredir as regras cotidianas. Consumimos bebidas e comidas que normalmente não ingerimos no dia a dia e/ou em quantidades acima do prescrito por normas morais, recomendações médicas ou econômicas, falamos e escutamos música num volume que nos incomodaria em outros contextos e usamos roupas que dificilmente usaríamos ordinariamente. Estaríamos diante de momentos nos quais o ideal de contenção cotidiana dos impulsos é relativizado.

Mas essa descrição e diagnóstico precisam ser historicizados. A relação entre o excesso e a sua regulação mudou a partir do final do século XX. Passamos a viver em sociedades nas quais obter uma satisfação *recorrente* nas nossas ações passou a ser um ideal que atravessa as mais distintas situações cotidianas. Almejamos encontrar o prazer *contínuo* no trabalho ou assistindo uma aula, por exemplo, e não apenas nas atividades tradicionalmente associadas à obtenção de um gozo qualquer. Exigimos de nós e dos outros uma performance sem falhas, perdas ou insuficiências. Ser, oferecer ou obter *constantemente* o que seria o “melhor”, “ideal” ou “máximo”, indo além do considerado “normal”, “mediano”, “banal”, “regular” ou “comum”, acabam se colocando como obrigações com as quais nos identificamos narcisicamente. Imaginários de *completude* passaram a orientar - com força - os nossos desejos, a partir de referenciais simbólicos nos quais é valorizada uma pretensa onipotência do “eu” em ser capaz de estar *sempre* correspondendo às - elevadas - expectativas dos outros.

O diagnóstico acima tem como referencial uma literatura contemporânea relacionada à área da teoria sociológica e da psicanálise. O objetivo deste artigo é olhar para os novos ideais de conduta em vigor atualmente, sob o ponto de vista de um conjunto de textos ligados a esses dois campos de estudo. Os trabalhos sociológicos chamam a atenção para a hegemonia do ideal da “flexibilidade” como um modelo de conduta afim com a forma como o capitalismo está organizado: um sistema no qual o “curto prazo” se tornou o horizonte do processo de acumulação, com a “flexibilização” das normas sendo o padrão legítimo para as ações

econômicas. Os textos psicanalíticos apontam para a hegemonia do ideal do “gozo” enquanto referencial de nossas ações e igualmente afirmam com a forma como o capitalismo está organizado: um sistema no qual a “satisfação do consumidor” passou a direcionar a produção, por meio da oferta contínua de bens e serviços sob a promessa de um prazer excessivo.

“Ser feliz”, “alcançar o sucesso”, “obter algum tipo de satisfação”, “realizar-se profissionalmente”, “bater a meta”, “curtir a vida”, “desenvolver seus potenciais” ou “ser a melhor versão de si” são expressões correntes no nosso dia a dia e que sintetizam uma forma de vida social marcada pelo ideal do excesso na orientação das condutas, naturalizando distintas formas de sofrimento, relacionadas à insegurança, incerteza, exclusão, solidão, medo, fracasso, objetificação, sadismo, masoquismo e depressão como experiências supostamente normais, esperadas ou banais. A literatura sociológica e psicanalítica, destacada e discutida ao longo deste artigo, nos ajuda a compreender as atuais conexões entre, de um lado, o exercício do trabalho e a procura da satisfação, e, de outro, os modos como nos relacionamos e costumamos sofrer nos dias de hoje. Entretanto, esse conjunto de textos também nos auxilia no entendimento das resistências a uma ideologia do excesso que coloca num segundo plano a construção de relações com base no respeito, confiança, amor, dignidade e solidariedade, ou seja, orientadas a partir de valores “humanos”, “éticos”, “alteritários” ou “coletivistas”. Começemos pelos trabalhos que tratam dessa vida social sob a perspectiva da sociologia.

A exigência da flexibilidade contínua

Os textos destacados nesta seção se tornaram referências centrais nas discussões a respeito do advento do “novo capitalismo” (SENNETT, 2012). Foram escritos por autores e autoras europeus e norte-americanos. Mas suas considerações serviram de base para análises a respeito dos mais variados países. Esses estudos falam de um ideal de conduta propagado pelo discurso capitalista contemporâneo, no qual os sujeitos são valorizados ao se mostrarem aptos para lidar com a incerteza, a instabilidade, a dissolução das identidades e a fragmentação dos horizontes enquanto fenômenos tomados como aspectos normais, naturais ou esperados da vida social. Quem supostamente não se enquadra nesse modelo é vítima de desqualificações, sendo visto e se vendo como incapaz de realizar as expectativas alheias ao seu respeito. Essa forma de ver o mundo produz novas formas dominantes de sofrimentos, notadamente o sentimento de angústia diante do olhar dos sujeitos que nos cercam, algo vivido em especial pelos membros das camadas subalternas, desprovidos de maiores recursos materiais e simbólicos para prosperar socialmente, haja vista as promessas de “êxito” ou “sucesso” pessoal associadas a esse novo ethos. Mas esses teóricos chamam a atenção para as resistências à essa situação generalizada de encurtamento da vida em comum e que se pautariam por valores relacionados à construção de vínculos mais estáveis. A naturalização dos laços efêmeros no novo espírito do capitalismo conviveria com outros modos de interação afins com formas de compromisso mútuo entre as pessoas.

Segundo Richard Sennett (2012: 33): “o que é singular na incerteza hoje é que ela existe sem qualquer desastre histórico iminente; ao contrário, está entremeadada nas práticas cotidianas de um vigoroso capitalismo”. De acordo com o autor, no mundo de hoje, onde imperaria o “curto prazo” e a flexibilização das normas, as narrativas que organizavam a existência saíram de cena. A “flexibilidade”, va-

lorizada atualmente, notadamente no mundo do trabalho, envolveria uma capacidade ou disposição para assumir riscos, ser ágil, aberto a mudanças no curto prazo e não se ver fixado em leis, normas, procedimentos ou padrões. Ela estaria associada a um sentimento permanente de ansiedade, frente à recorrente indefinição em relação aos caminhos a serem tomados em diferentes momentos de nossas vidas. Para além de uma minoria privilegiada, poucos se sentiriam à vontade com a impotência dos valores que conferem significado à vida no longo prazo, haja vista a valorização de atitudes que vão contra a construção de relações mais estáveis. “Os verdadeiros vencedores não sofrem com a fragmentação”, afirma Sennett (idem: 72). “Ao contrário”, continua o sociólogo norte-americano, “são estimulados por trabalhar em muitas frentes diferentes ao mesmo tempo” (idem). Porém, essa flexibilidade corrói “o caráter de empregados mais comuns que tentam jogar segundo a mesmas regras” (idem: 73)².

Sem a vigência de valores éticos ou morais através dos quais nos reconhecemos e somos reconhecidos por outros ao nosso redor, como confiança, lealdade e compromisso, estaríamos mais sujeitos a nos tratarmos e sermos tratados como seres sem rumo, incapazes de orientar os nossos desejos de reconhecimento mútuo ao longo do tempo. “Um acentuado fracasso é a experiência pessoal que leva a maioria das pessoas a reconhecer que a longo prazo elas não bastam”, diz Sennett (idem: 168). A anomia se institucionalizaria a partir da ideia de quem somos descartáveis ou inúteis, por supostamente não correspondermos aos ideais dominantes. Ao não partilharmos nossas dificuldades, não construiríamos horizontes em comum. Contudo, um regime que não oferece aos seres humanos motivos para se ligarem uns aos outros, não seria capaz de preservar sua legitimidade por muito tempo³. A procura por um “nós”, ou seja, um “desejo de comunidade” acaba sendo despertado, na medida em que as condições precárias de vida no novo capitalismo, marcadas por relações incertas, superficiais e pela falta de confiança e compromisso mútuo, “levam as pessoas a buscar outra cena de ligação e profundidade”, afirma Sennett (idem: 165).

Zygmunt Bauman (2008) fala das sociedades contemporâneas como aquelas onde os sujeitos se pensam e são pensados, sobretudo, como consumidores. Ele aponta para o processo de “recomodificação do trabalho” que configuraria as condutas sociais atuais e através do qual “a preocupação de garantir a ‘vendabilidade’ da mão-de-obra em massa é deixada para homens e mulheres como indivíduos” (idem: 16). O reconhecimento, nos dias de hoje, envolveria o destaque conferido à imagem pessoal no espaço público, como semblante de uma mercadoria que deve ser desejada por quem pode consumi-la: alguém interessado em algum tipo de satisfação ou num gozo que podemos proporcionar, como um empregador, um cliente ou um amante. Quem não se mostra, não se faz visível, seria rejeitado de antemão. Os mais jovens já teriam naturalizado essa nova maneira de se colocar diante da sociedade. Ser famoso, como um ideal corrente até entre as crianças, significaria, segundo o sociólogo polonês, se tornar uma mercadoria vendável, comentada, destacada ou desejada. Nossa aparência, como mediação das nossas relações, notadamente através das “redes sociais virtuais”, envolveria a abstração ou ocultamento da nossa condição de humano, como nossas dores e vínculos afetivos. Ela seria encarada com base numa espécie de “lista de compras” à disposição de um consumidor. O espaço aparentemente privado (dessas redes) acabaria

² “Esses mesmos traços que geram a espontaneidade se tornam mais autodestrutivos para os que trabalham mais embaixo no regime flexível” (SENNETT, 2012: 73).

³ A flexibilidade não dá “qualquer orientação para a conduta de uma vida comum” (SENNETT, 2012: 176).

servido de referencial para o julgamento de alguém (que passaria a se ver como sujeito ao olhar alheio antes do que aos desejos que supostamente o animariam).

Entretanto, e ainda de acordo com o sociólogo polonês, outras lógicas, não centradas na busca pelo gozo ilimitado, como a da solidariedade, do amor, ou da amizade, por exemplo, entrariam em cena resgatando nossa humanidade comum frente à ilusão de que nossa redução à condição de mercadoria seja possível. Bauman fala da resistência ao que chama de “objetificação” da subjetividade. De acordo com ele, uma relação “centralizada na utilidade e na satisfação é, evidentemente, o exato oposto de amizade, devoção, solidariedade e amor – todas aquelas relações ‘Eu-Você’ destinadas a desempenhar o papel de cimento no edifício do convívio humano” (idem: 32). Portanto, seria a partir desses vínculos sociais que ganhariam sentido as resistências à “colonização da rede de relações pelas visões de mundo e padrões de comportamento inspirados e feitos sob medida pelos mercados de produtos” (idem: 35). Porém, a construção desses laços ou a “criação de um relacionamento bom e duradouro” exigiria um “esforço enorme”, pois levaria em conta uma responsabilidade pelo outro, algo que não estaria presente quando as pessoas se tratam como mercadorias.

Luc Boltanski e Éve Chiapello (2009) falam da institucionalização da anomia como um mecanismo atual de mobilização das classes dominantes. Analisando os discursos de gestão empresarial dos anos de 1990, em voga na França, apontam para a emergência de um novo espírito do capitalismo dirigido às elites, isto é, aos agentes menos sujeitos a carências materiais e de cuja cooptação o sistema dependeria para seu gerenciamento. “É, em primeiro lugar, em vista desses executivos, ou futuros executivos, que o capitalismo deve completar seu aparato justificativo” (idem: 47). As multinacionais seriam as principais responsáveis pela construção de um ambiente onde eles se sintam seguros para se engajar no novo discurso dominante: o da “realização pessoal” que pode ser obtida graças à participação numa multiplicidade de “projetos”.

A autonomia teria passado ao primeiro plano, como horizonte do capitalismo, frente às ofertas de estabilidade ou de garantias. “O que está em causa”, afirmam Boltanski e Chiapello (2009: 421), em relação às novas maneiras de alguém se engajar ideologicamente no sistema, “é sua capacidade de ‘realizar-se’ na realização de uma obra qualquer (travar relações, alcançar status num emprego, formar família etc.)”. O capitalismo teria incorporado as críticas de que inibiria, por conta da sua organização burocrática, as possibilidades de autoexpressão pessoal. Ele se transformou ao valorizar a capacidade dos agentes “serem flexíveis” frente às normas que regulam as relações, movendo-se de situações em situações sem se manterem presos às convenções sociais. Entretanto, “grande parte das pessoas, em vez de se libertar, foi precarizada, submetida a novas formas de dependência sistêmica, e obrigada a enfrentar com mais solidão exigências indefinidas, ilimitadas e torturantes de autorrealização e autonomia” (idem: 438). Restaria a muitos, como saída, uma “libertação pelo consumo”, dado que a experiência de “autenticidade” pode ser adquirida mercantilmente, apesar de que deve ser constantemente refeita diante da sua generalização.

A demanda de autenticidade, de que falam Boltanski e Chiapello (2009: 417), está ligada, segundo eles, à crítica estética “manifestada no fim da década de 60”. Passou-se então a valorizar a irrupção da autenticidade a partir da libertação das coerções, limitações ou mutilações impostas pela acumulação capitalista. Tal crítica se relacionou com temas como a liberação sexual e a autonomia na vida pessoal, afetiva e profissional, legitimando a criatividade e a autenticidade frente às

convenções sociais enquanto ideais inicialmente colocados em prática pelos artistas ou boêmios⁴. Estaríamos diante de pressupostos cuja generalização e incorporação pela lógica capitalista de acumulação formaram o “capitalismo artista” de que falam Gilles Lipovetsky e Jean Serroy (2015: 32). Nas palavras desses autores:

São os valores inicialmente preconizados pelos artistas boêmios do XIX (hedonismo, criação e realização de si, autenticidade, busca de experiências) que se tornaram os valores dominantes celebrados pelo capitalismo de consumo. A ética puritana do capitalismo original cedeu lugar a um ideal estético de vida centrado na busca de sensações imediatas, nos prazeres dos sentidos e nas novidades, no divertimento, na qualidade de vida, na invenção e na realização de si. À estetização do mundo econômico corresponde uma estetização do ideal de vida, uma atitude estética em relação à vida.

Lipovetsky e Serroy (2015) compreendem que as atuais experiências de consumo (enquanto “prazeres efêmeros”) condicionariam a esfera da produção ou do trabalho – delegando a esse plano a tarefa de gerar prazer, sonhos e emoções nos consumidores. Segundo eles, “a dimensão artista do capitalismo é da ordem do projeto e das estratégias empresariais, não dos resultados obtidos”, ou seja, viveríamos o triunfo do fútil e do supérfluo como consequência da inflação estética ou boom estético que acompanharia a atual tendência de mercantilização da esfera do belo. Conflitos entre esse ideal de existência estética e outros valores sociais (como a saúde, trabalho, educação, moral, justiça e meio-ambiente, por exemplo) permeariam nossas vidas, assim como entre o que chamam da “estética do acelerado” e a “estética da lentidão”. “As belezas são excessivas”, dizem eles, “mas não nos aproximamos em absoluto de um mundo de virtude mais elevada, de maior justiça ou mesmo de maior felicidade” (idem). Tensões entre distintas formas de conduta e concepções de sociedade vão marcar não apenas o espaço coletivo como a subjetividade das pessoas, haja vista a tendência em negarem o que se distinguiria do socialmente almejado, enquanto uma forma de satisfação que parece admitir o mal de si e dos outros.

A exigência do gozo generalizado

Os teóricos anteriores parecem atualizar a preocupação de Karl Polanyi (2000) em considerar as resistências do tecido social frente à sua destruição diante da imposição do credo liberal como modelo para sua organização. O referencial desse autor são as “reações coletivistas” da primeira metade do século XX⁵. Os sociólogos destacados aqui escreveram num contexto de hegemonia neoliberal, onde os dilemas, desafios ou dificuldades em promover outras formas de vínculos sociais, envolveriam um ajustamento dos atuais mecanismos de poder à

⁴ Boltanski e Chiapello (2009) apontam para a necessidade de reestruturação da crítica estética diante dos sinais de indignação, descontentamento e sofrimento frente à sua incorporação pelo capitalismo. A autonomia ou autorrealização seriam vividas positivamente apenas por uma minoria. O sentimento de desvalorização, incerteza, falta de tempo e a experiência de novas formas de coerção (através de “metas” cada vez mais exigentes a serem alcançadas e da obrigação contínua de satisfazer os consumidores, por exemplo) abarcaria a vida da maioria das pessoas imbricadas no sistema capitalista. Segundo eles, “restabelecer a crítica social e procurar reduzir as desigualdades e a exploração no mundo conexonista certamente é essencial, mas não se trata de enterrar a crítica estética pretextando seu desvio (pois, durante os últimos vinte anos, ela fez até certo ponto o jogo do capitalismo) e a urgência no campo social. Os temas da crítica estética são essenciais e continuam atuais” (idem: 532).

⁵ “A década de 1920 viu o prestígio do liberalismo econômico no seu apogeu. (...) As privações dos desempregados, sem emprego devido à deflação, a demissão de funcionários públicos, afastados sem uma pensão, até mesmo o abandono dos direitos nacionais e a perda das liberdades constitucionais eram considerados um preço justo a pagar pelo cumprimento da exigência de orçamentos estáveis e moedas sólidas, estes *a priori* do liberalismo econômico” (POLANYI, 2000: 174). De acordo com Karl Polanyi, um movimento generalizado contra o “credo liberal”, capitaneado pelos países dominantes, se deu a partir da crise iniciada no ano de 1929, quando a intervenção dos Estados nas economias foi legitimada enquanto uma saída da crise, respondendo aos apelos ou demandas de seus cidadãos por melhores condições de vida.

nossa dinâmica pulsional, fazendo com que passássemos a nos implicar libidinalmente na nossa sujeição, ao desejarmos corresponder a imagens ideais de completude ou de autorrealização⁶. Autores e autoras, intelectualmente orientados por uma perspectiva psicanalítica, vêm pensando essa submissão contemporânea a partir de reflexões a respeito da nossa fixação generalizada em fantasias imagéticas de onipotência narcísica. O mundo do trabalho seria um referencial privilegiado de imaginarização dessas fantasias, ao ser pautado pelo ideal da autorrealização pessoal ou do empreendedorismo de si. Atravessar essas fantasias seria uma condição para colocarmos em cenas outros desejos, apesar da aparente falta de maiores garantias de que nossas diferenças serão acolhidas.

Esses autores e autoras identificam a existência de um contexto atual marcado pelo declínio das autoridades simbólicas e dos seus diferentes discursos em torno da legitimação e da exigência da renúncia pulsional, enquanto condição para o estabelecimento e a manutenção dos vínculos interpessoais⁷. Seus textos apontam para a passagem da produção para o consumo como o paradigma de organização do laço social, uma mudança que teria começado em meados do século XX, e levado a uma sociabilidade pautada em perspectivas temporais circunscritas, com o gozo (como satisfação imediata) servindo de parâmetro para os sujeitos se vincularem, se reconhecerem ou se julgarem, ao se verem impelidos a obter prazer sem perdas e faltas⁸. Estaríamos diante de uma situação de alto nível de desamparo frente às forças pulsionais, as quais exerceriam em nós uma pressão constante para nos satisfazermos completamente. Nossa angústia seria maior hoje ao nos vermos coagidos a corresponder às demandas de que sejamos capazes de alcançar o gozo almejado⁹.

Jacques Lacan (1992) vai falar da emergência do “discurso capitalista” enquanto promotor da ideia da possibilidade de eliminar as nossas insatisfações comprando bens ou serviços. Eles nos proporcionariam uma imagem de completude perante os olhares alheios, fazendo com que gozásssemos por ocupar posições imaginárias de exceção, sucesso ou felicidade, a partir do uso de uma roupa, da estadia num hotel ou da posse de um carro, por exemplo. Nossas compulsões atuais girariam em torno da tentativa de reviver essa experiência, notadamente no plano do trabalho, ao almejarmos corresponder às demandas dos nossos chefes, colegas e clientes. Eles nos apareceriam exigindo de nós que oferecêssemos “algo a mais” do que estamos realizando, capaz de fornecê-los um gozo absoluto ou a satisfação total de suas pulsões, como suposta condição para alcançarmos as posições de visibilidade que almejamos. Gozaríamos nos punindo por aparentemente não correspondermos à essas demandas contínuas, na fantasia narcisista e masoquista de que seríamos sempre capazes de atendê-las.

⁶ “Os novos dispositivos”, dizem Boltanski e Chiapello (2009: 132), “penetram com mais profundidade no íntimo das pessoas que - como se espera - devem ‘doar-se’ - conforme se diz - ao trabalho, possibilitando a instrumentalização dos seres humanos naquilo que eles têm de propriamente humano”.

⁷ A angústia “pode ser o início de um desejo, ou o ponto de recuo”, assinala Christian Dunker (2021). Diante desse afeto, podemos avançar em nossas vidas, arriscando novos itinerários ou retrocedendo a modalidades cristalizadas de satisfação que aparentemente protegeriam nosso narcisismo. Renunciar à busca de um gozo absoluto/imaginário permitiria nos levar a procurar gozos parciais em trajetórias de vida singulares em relação às formas socialmente esperadas ou valorizadas de comportamento.

⁸ Excesso, imediatez, consumo e angústia se confluíam no mundo atual: “Vivemos numa sociedade onde a perda e a falta são inaceitáveis, insuportáveis e, por esta razão, busca-se a completude o tempo todo. Adquirem-se novos objetos, na esperança de que estes finalmente deem conta da falta, do vazio angustiante, que possam proporcionar uma satisfação plena, completa, definitiva e ilusória. (...) Este ‘não querer saber da falta’ representa certa dificuldade em se estabelecer limites, em lidar com a lei, suscita questões como ‘Qual é o limite? Quando basta? A morte é o limite?’ O ilimitado é angustiante (FINGER, 2015).

⁹ Joel Birman (2011: 47) associa a experiência de um “alto nível de desamparo” como o que denomina de “mal-estar na atualidade”. Nas palavras do autor: “Na experiência do desamparo, cabe ao sujeito a tarefa imperiosa de construir circuitos pulsionais estéticos para dominar satisfatoriamente as intensidades que lhe perpassam, assim como tecer derivações simbólicas para os excessos pulsionais”.

Teríamos dificuldade em desejar algo além do curto prazo, na medida em que a espera por satisfação se tornaria extremamente angustiante frente aos mandatos conscientes e inconscientes de alcançá-la sob qualquer condição. Antes dessa nova época, seria comum as pessoas se pensarem dentro de histórias individuais ou coletivas vividas ou construídas através de amplos períodos, onde a renúncia ou privação cotidiana do gozo fazia sentido ou era parte do jogo enquanto um meio esperado para se alcançar objetivos socialmente vistos como mais significativos e com base em valores cuja vigência seria garantida por uma autoridade simbólica específica. Os sacrifícios ao redor do trabalho, mais do que os prazeres do consumo, formavam o paradigma de comportamento social, constituindo os “ideais do eu” que deveriam ser interiorizados. Vladimir Safatle (2008: 21) re-trata da seguinte maneira essa transformação social:

Já há muito, não vemos mais a hegemonia de discursos sociais que pregam a repressão. Hoje, o verdadeiro discurso que sustenta os vínculos socioculturais da contemporaneidade é, digamos, mais maternal. Trata-se, por exemplo, do: “cada um tem direito a sua forma de gozo” (ou ainda “cada um deve encontrar sua forma de gozo”) que podemos encontrar na liberação multicultural da multiplicidade das formas possíveis de sexualidade. Devemos pensar aqui na tese de que a incitação e a administração do gozo transformaram-se na verdadeira mola propulsora da economia libidinal da sociedade de consumo, isso em vez da repressão própria à sociedade da produção.

Fantasia imagética de onipotência narcísica dominariam os nossos desejos. Segundo Joel Birman (2011: 24), atualmente, “a subjetividade assume uma configuração decididamente estetizante, em que o olhar do outro no campo social e midiático passa a ocupar uma posição estratégica em sua economia psíquica”. As visões alheias nos apareceriam como meios de confirmação das supostas correspondências às imagens de completude e exceção com as quais almejaríamos ser identificados, como a de alguém aparentemente acima das limitações comuns às pessoas ao redor. Essa posição imaginária de destaque seria objeto privilegiado de investimento libidinal (na forma de admiração e/ou de temor) por parte da coletividade da qual faz parte. Tentaríamos aplacar as angústias nos submetendo às exigências dessas figuras onipotentes, na esperança de nos verem no lugar do ideal e no medo de destruírem o nosso eu. Trata-se de um olhar externo que nos causaria tanto satisfação narcísica ao nos validar quanto temor ao nos confrontar. Nas palavras de Safatle (2016: 20): “nada nem ninguém consegue impor seu domínio sem entreabrir as portas para alguma forma de êxtase e gozo”.

Neuroticamente, nos depararíamos em fantasias masoquistas onde nos submetemos uns aos outros pressupondo uma completude alheia qualquer. Deixaríamos de reconhecer nossas diferenças em prol da conformação a imagens comuns: “diante das angústias despertadas pelo exercício da singularidade do desejo, o sujeito se eclipsa e se submete ao conforto da posição masoquista”, diz Birman (2011: 242). Nossos desejos neuróticos em ocupar posições potencialmente perversas se manifestariam na forma de atitudes que aparentemente esconderiam as nossas identificações com esses personagens de exceção¹⁰. Essa situação de conflito entre disposições contrárias produziria um gozo doentio, assentado na agressividade que causaríamos em nós através de autorrecriminações, inibições, mutilações e autoexigências extremas, por exemplo. Para Quintella (2016: 123), “o supereu parece não encontrar hoje respaldo para sustentar sua

¹⁰ Segundo Maria Rita Kehl (2008: 30), “a perversão, no laço social, não produz sujeitos perversos. Produz neuróticos, aprisionados em sua paixão por se fazer instrumentos do gozo do Outro”

punição ao eu e satisfazer o masoquismo moral” e, nesse sentido, “o supereu, desatrelado do ideal do eu, aparece muito mais desmedido, violento ou compulsivo”¹¹.

Teria se generalizado um sentimento de impotência: “a depressão é o fracasso da tentativa de ser idêntico a si mesmo” (LIMA, 2013: 493). Nos deprimiríamos por não vivenciarmos uma (impossível) satisfação total ou irrestrita. “A depressão é um sintoma neurótico que responde à impossibilidade de sustentação da imagem da Criança Maravilhosa no universo do desejo”, diz Rogerio Quintella (2016: 120). O depressivo colocaria “no lugar do ideal do eu a própria fantasia de onipotência narcísica” (idem). “Colocar-se na posição depressiva é uma forma de sustentar a norma que não pode ser realizada, embora deva ser fantasmaticamente sustentada”, segundo Safatle (2016: 191). Obteríamos prazer queixando em excesso da falta de nos assola, cultivando a esperança do reconhecimento da nossa pretensa ou inata excepcionalidade ser revertido ou da aparente completude da alteridade hostil ser desconstruída¹². “Para mascarar a falta que faz sofrer, o sujeito monta cenas exageradas de submetimento que visam impor um gozo ao Outro”, aponta Adelina Helena Lima Freitas (2012: 61)¹³. Elas seriam como montagens imaginárias de submissão que poderiam embasar atos impulsivos diante da alteridade hostil e que exporiam a violência que procuraríamos inibir - uma atitude vivida sob o signo do dramático e capaz de ser interpretada de modo cômico.

As reações subjetivas ao discurso capitalista (que incita o gozo imaginário) estariam relacionadas à emergência de “novos sintomas” decorrentes da fraqueza dos esquemas mais amplos de reconhecimento que estruturavam a vida social e da nossa conseqüente submissão a uma forma imagética de reconhecimento - hoje “o simbólico se submete à imagem”, diz Nádia Laguárdia de Lima (2013: 487)¹⁴. A pouca força desses códigos tornaria mais incerta a renúncia à satisfação narcísica, como condição para a afirmação da singularidade dos nossos desejos frente aos outros. O recurso às normas se daria de forma - notadamente - cínica, isto é, “flexibilizando-as” reiteradamente, permitindo que se goze através da sua aparente sustentação¹⁵. Imperaria um tipo de satisfação calcada na exigência do impossível antes do que na repressão: “o sentimento melancólico de perda e o de autoestima destruída próprios à depressão transformam-se, nesse sentido, na forma socialmente avalizada de vínculo” (SAFATLE, 2016: 191). Frente às atuais experiências de indeterminação das nossas ações, isto é, diante das frequentes incertezas a respeito de como somos vistos, “os destinos do desejo assumem, pois,

¹¹ Nessa concepção, a depressão não se reduz ao afeto da tristeza, dado que assume um caráter defensivo, resultando em sintomas graves de estagnação, desinvestimento, conflitos com a imagem de si - sintomas que às vezes culminam em atos suicidas.

¹² No entender de Freitas (2012: 60), “queixar-se é uma forma de gozo da condição subjetiva do masoquista, que usa frequentemente esse artifício, falando muito de suas mazelas. Com isto se faz de vítima para mobilizar o Outro, no intuito de que este o garanta e neutralize, desta forma, a angústia que o desamparo constitutivo do ser humano lhe provoca”

¹³ De acordo com Freitas (2012: 61): “Identificar uma fonte para a dor, eliminando outras origens para as perdas e até mesmo para as surpresas indesejáveis da vida, acaba sendo uma forma de controlar o sofrimento que passa a ser por algo determinado”.

¹⁴ “Assiste-se hoje à proliferação de patologias em que os atos parecem substituir a palavra. O fato de os atos predominarem sobre as palavras sinaliza uma hegemonia de respostas subjetivas pela via do gozo; daí muito do que se encontra sob a rubrica ‘novos sintomas’ referir-se sobretudo a uma clínica das impulsões: bulimia, anorexia, novos tipos de adições, hiperatividade, etc” (LUSTOZA, CARDOSO e CALAZANS, 2014: 202).

¹⁵ Safatle (2008) identifica o cinismo, ao lado da ansiedade e da depressão, como um dos sintomas do mundo contemporâneo: “o cinismo pode ser compreendido como a posição subjetiva possível para um sujeito que internalizou a Lei sob a figura de um supereu que exige que as condutas sejam pautadas a partir da lógica do gozo puro. A procura incessante de satisfação imediata não pode simplesmente passar por cima dos critérios normativos de racionalização da dimensão prática que, no estágio atual de esclarecimento, seriam intersubjetivamente partilhados e consensuais. Para tanto, será necessário aprender a gozar através das normas partilhadas, ou seja, respeitando o formalismo das normas com suas expectativas de modernização das condutas sociais” (idem: 24).

uma direção marcadamente exibicionista e autocentrada, na qual o horizonte intersubjetivo se encontra esvaziado e desinvestido das trocas-interhumanas” (BIRMAN, 2011: 314).

Mas Birman (2011: 315) assinala que “em qualquer sujeito existe um conflito constante entre o amor de si e o amor do outro”, ou seja, continua ele, “entre a condição de se colocar como seu próprio ideal e a de se deixar regular finalmente por ideais que transcendem seus critérios de autocentramento”. O que aconteceria hoje é que vivemos “presos a ideais particularistas, autocentrados, em que não existem valores que possam nos reunir como uma comunidade abrangente” (idem: 316). “Resta ao sujeito gozar continuamente para sobreviver, à custa do corpo e da carne do outro”, diz. Desejar implicaria ver o outro não como ameaça ao narcisismo, um inimigo ou rival, porém, “como uma abertura para o possível” (idem: 315), passível de nos reconhecer e ser reconhecido a partir de uma diferença ou singularidade, e não somente com base em imagens padronizadas ou estereotipadas que idealizamos. Para irmos além da violência ou intolerância que atravessam nossas relações narcísicas, nas quais encaramos uns aos outros como meios para engrandecer a nossa autoimagem e onde estamos prontos para descartar alguém que não ocupe esse papel imaginário, “é preciso inventar novos ideais alteritários”, afirma Birman (2011: 318), e que nos possibilitem “pender para o polo do outro” e relançar “o desejo de maneira permanente” (idem).

Esses autores e autoras, de orientação psicanalítica, nos ajudam a pensar a questão da imaginarização da vida social contemporânea, ao chamarem a atenção para a tendência atual de fixação dos sujeitos em cenas imaginárias de onipotência narcísica, enquanto obstáculo para a afirmação de vínculos mais sólidos, na medida em que produz uma visão das relações ou interações enquanto lócus de satisfação sem limites¹⁶. Isso significa dizer que percepções de excesso são naturalizadas e ganham força, ao se mostrarem afins com o discurso mais geral de incitação do gozo narcisista. Imaginários que se mostram contrários a esse ideal podem acabar não encontrando legitimidade ou reconhecimento, sendo inibidos, confrontados, desacreditados ou negados. Mas eles também são capazes de encontrar respaldo em círculos mais ou menos extensos, ao se apoiarem em valores que permitem às pessoas se verem como interdependentes, antes do que enquanto agentes cuja busca por satisfação admite o mal do próximo.

Da onipotência de si e do outro ao desamparo coletivo: considerações finais

Atualmente, as figuras tradicionais de autoridade saem de cena ou veem sua força social em declínio. Pais têm que negociar constantemente as regras com seus filhos e filhas, professores e professoras têm suas atividades avaliadas por alunos e alunas, chefes deixam de se fazer presentes em inúmeros ambientes de trabalho e suas funções de cobrança e de controle são interiorizadas pelos trabalhadores e trabalhadoras. A horizontalização dos laços entre as pessoas coloca em xeque a imposição de limites a partir de valores cuja observância proporciona al-

¹⁶ “O processo de imaginarização indica um movimento do sujeito em direção à deflação do simbólico, campo responsável pela estruturação do imaginário na dinâmica da fantasia, e aponta para uma retração subjetiva do laço social. Embora modalidades discursivas permitam estabelecer relação com o Outro sem ficar submetido ao gozo, uma vez que tornam possível articular saber e gozo, o processo de imaginarização, em uma dinâmica inversa, indica intensificação do imaginário. Tal situação reduz a mobilidade do sujeito em direção à alteridade, por meio da recusa à diferença. Ainda, o processo de imaginarização pode conduzir a um gozo ilimitado, pela via da interrupção do saber na deflação do Outro, encontrando aderência no discurso capitalista” (BACELAR e COUTINHO, 2022: 86).

gum tipo de reconhecimento social. Desprovidos de autoridades simbólicas capazes de conter os impulsos, nos vemos indefesos frente aos imperativos de gozo vigentes hoje em dia. Passamos a afastar essas demandas incessantes através do recurso às drogas, ao álcool, à comida, ou seja, gozando através do consumo de substância lícitas ou ilícitas, assim como nos refugiando em nossos quartos ou nos inibindo frente aos outros, por exemplo.

A literatura sociológica e psicanalítica nos mostra que as condutas dominantes atualmente se apoiam na naturalização de vínculos frágeis e dos nossos sofrimentos. Acreditamos que devemos ser competitivos, proporcionar sempre um tipo de satisfação, obter um prazer nos mais distintos contextos ou ter nossa imagem validada volta e meia, supostamente tendo ao nosso redor uma alteridade sem maiores preocupações conosco e/ou que parece gozar com as nossas dores e infortúnios. Mas essa mesma literatura nos convida a imaginar, perceber ou representar os outros como seres faltantes como nós, igualmente incapazes de corresponder às expectativas alheias em todas as situações, também frágeis frente ao vazio que nos angustia ao longo do tempo e que precisam dos demais ao seu redor para construir uma vida na qual o excesso de violência, demandas, pressões, ansiedades e incertezas seja minimamente contido. A indeterminação diante dos referenciais capazes de orientar os nossos comportamentos, para além de ser vivida como uma experiência angustiante através de nossas relações, na medida em que nos sintamos desamparados frente ao outro supostamente sem limite, é capaz de constituir cenários sociais de criação contínua de novos horizontes coletivos.

Isso implica em atravessar as fantasias de onipotência que costumam nos aprisionar em histórias imaginárias de completude, protagonizadas por cada um de nós e nas quais o mundo deve sempre girar ao nosso redor. Abdicar das supostas prerrogativas fálicas que acabam dominando os nossos desejos, pode nos colocar diante de um gozo da vida a partir da afirmação da nossa singularidade, para além de qualquer métrica, régua ou sistema de comparação capaz de nos igualar. Nosso erro, falta, incompletude, incapacidade, esquisitice, excentricidade ou estranheza, enquanto representações dessa singularidade sob o ponto de vista das outras pessoas, podem ser a interpretação alheia de um desejo de ser que nos mobiliza inconscientemente, animado por um impulso em transgredir um sistema simbólico e imaginário dominante que nos faz sofrer e/ou ao qual nos submetemos como medo do desamparo, na medida em que as expectativas dos sujeitos ao nosso redor parecem adotar esse referencial. Viver o vazio de forma menos traumática é uma questão tanto política quanto pessoal, conforme nos mostra a literatura sociológica e psicanalítica discutida ao logo deste texto.

Recebido em 8 de maio de 2024.

Aprovado em 19 de outubro de 2024.

Referências

- BACELAR, Joyce; COUTINHO, Denise. A noção lacaniana de imaginarização: a clínica psicanalítica e seus desdobramentos no social. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 25 (1): 83-105, 2022.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida para o consumo. A transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BIRMAN, Joel. *O mal-estar na atualidade*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2011.
- BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Éve. *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- DUNKER, Christian. Entrevista. BBC News Brasil. 21/03/2021.
- FINGER, Arthur. Angústia, entre gozo e desejo. *Psique*, 75, 2015.
- FREITAS, Adelina. Objeto voz: incidências do supereu no masoquismo. *CADERNOS DE PSICANÁLISE*, 34 (26), 2012.
- KEHL, Maria Rita. Publicidade, perversões, fobias. *Ide*, 31 (146), 2008.
- Lacan, Jacques. *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.
- LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. *A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- LUSTOZA, Rosane; CARDOSO, Maurício; CALAZANS, Roberto. “Novos sintomas” e declínio da função paterna: um exame crítico da questão. *Ágora*, XVII (2), 2014.
- QUINTELLA, Rogério. O Desmentido da privação na atualidade. *Ágora*, XIX (1), 2016.
- POLANYI, Karl. *A Grande Transformação*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- SAFATLE, Vladimir. Por uma crítica da economia libidinal. *Ide*, 31 (146), 2008.
- SAFATLE, Vladimir. *O circuito dos afetos*. São Paulo: Autêntica, 2016.
- SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter*. Rio de Janeiro: Record, 2012.

VOLUME 12
NÚMERO 28
(JAN./ABR.2025)

ACENO

REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE
ISSN: 2358-5587

CHAMADA DE ARTIGOS
DOSSIÊ TEMÁTICO:
**ANTROPOLOGIAS DOS DESERTOS:
ECOLOGIAS, POVOS E COSMOLOGIAS
ENTRE OS VAZIOS E AS ABUNDÂNCIAS
DE UM MUNDO EM TRANSFORMAÇÃO**

COORDENADORXS:
DRA. ANTONELA DOS SANTOS (UBA/CONICET)
DR. GABRIEL RODRIGUES LOPES (UFS)
DR. PEDRO EMILIO ROBLEDO (UNC/CONICET)

**PRAZO FINAL
DE SUBMISSÃO:
30 DE JANEIRO
DE 2025**

28

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de Mato Grosso

VOLUME 12
NÚMERO 29
(MAI./AGO.2025)

ACENO

REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE
ISSN: 2358-5587

CHAMADA DE ARTIGOS
DOSSIÊ TEMÁTICO:
**MÍDIAS DIGITAIS E SUAS
IMPLICAÇÕES NA VIDA COTIDIANA:
CONTRIBUIÇÕES ANTROPOLÓGICAS**

COORDENADORXS:
DRA. CAROLINA PARREIRAS (USP)
DRA. LARA ROBERTA RODRIGUES FACIOLI (UFPR)

**PRAZO FINAL
DE SUBMISSÃO:
30 DE ABRIL
DE 2025**

29

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de Mato Grosso